

A Surpreendente ligação entre ficção científica e história econômica – Parte 2

01/07/2026

Uma continuação do artigo de Sebastian Buckup (veja AQUI), de autoria de Waldo Russo (texto e figuras)

Uma década depois: quando o futuro deixou de ser plano

Se em 2016 o Buckup já suspeitava que vivíamos um novo "momento Nixon", a década seguinte confirmou e aprofundou o diagnóstico. A produtividade nas economias avançadas permaneceu teimosamente baixa, presa em torno de 1% ao ano, mesmo com a explosão de novas tecnologias. O mundo plano celebrado por Thomas Friedman começou a ser dobrado de volta sobre si mesmo: a globalização, antes tratada como destino inevitável, passou a ser desmontada peça por peça. Tarifas, guerras comerciais, a pandemia de 2020, o reconfiguração das cadeias de produção, o retorno das fronteiras e das políticas nacionalistas, somados às guerras na Ucrânia e no Oriente Médio, recolocaram o medo no centro da imaginação coletiva. A confiança que já estava baixa desde 2008 não foi reconstruída — apenas migrou para novas formas de desconfiança.

É exatamente esse clima que o cinema voltou a "dissecar", para usar a expressão do artigo de Buckup.

De Star Wars a Duna: dois futuros sombrios

Não é coincidência que as duas grandes epopeias de ficção científica da última década tenham sido visões igualmente sombrias do amanhã — e, curiosamente, antagônicas entre si na forma, como já o eram **Star Trek** e **Star Wars**. De um lado, o reencontro de Hollywood com **Duna** (Denis Villeneuve, 2021 e 2024). O universo de Frank Herbert é a antítese perfeita do idealismo asséptico de **Star Trek**: um futuro feudal, marcado pela escassez, por casas dinásticas em guerra pelo controle de um único recurso estratégico — a "especiaria", metáfora transparente do petróleo e, hoje, das terras raras e dos semicondutores. Mais revelador ainda: na cosmologia de **Duna**, as máquinas pensantes foram banidas séculos antes, após uma revolta humana contra a inteligência artificial. É difícil imaginar símbolo mais eloquente da nossa ambivalência atual: sonhamos com a IA e, ao mesmo tempo, fantasiemos um mundo que precisou proibi-la para sobreviver.

De outro lado, a aridez solar e feudal de **Duna** encontra seu reverso exato na melancolia noir e chuvosa de **Blade Runner 2049** (Denis Villeneuve, 2017). Onde um teme a máquina a ponto de bani-la, o outro mergulha num mundo em que humanos e replicantes já se confundem, e a própria definição de humanidade tornou-se fabricável. Juntos, esses dois futuros — o deserto sem máquinas e a cidade saturada de artifício — delimitam o campo de nossas angústias contemporâneas. Onde **Star Trek** via uma federação sem classes governada pelo Estado de Direito, hoje vemos impérios, escassez e identidades em dissolução. A distância entre aquela visão e estas é a medida do quanto nossas expectativas encolheram.



Duna e Blade Runner 2049 - dois futuros sombrios e antagônicos: a aridez feudal do deserto, onde as máquinas pensantes foram banidas, e a melancolia noir da cidade artificial, onde humano e replicante se confundem

ChatGPT e o espelho de Frankenstein



M3gan: Chucky da nova geração troca susto fácil por alfinetada social



Ethan Hunt e a equipe da IMF correm contra o tempo para impedir uma IA de dominar o mundo.

O lançamento do ChatGPT, no fim de 2022, fez a inteligência artificial sair da ficção e entrar no escritório, na escola e na fábrica. Pela primeira vez desde a era ludista¹, a "luta proverbial entre homem e máquina" mencionada no encerramento do texto original deixou de ser uma alegoria distante para se tornar pauta de demissões, sindicatos e políticas públicas. E o cinema respondeu com a velha gramática de Mary Shelley: a criatura que ganha vontade própria. **M3GAN** (2022) atualizou Frankenstein para a era dos assistentes domésticos; **Missão Impossível: Acerto de Contas** (2023) transformou uma IA autônoma — "a Entidade" — no vilão definitivo, mais perigoso que qualquer potência nuclear; **The Creator** (2023, no Brasil o título foi **Resistência**) encenou diretamente a guerra entre humanos e máquinas sencientes. A criatura de Mary Shelley, dois séculos depois, voltava à tela com o rosto de um algoritmo — e desta vez não mais como pesadelo distante, mas como notícia da semana.

¹ O ludismo foi um radical movimento operário ocorrido na Inglaterra entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, no contexto da Primeira Revolução Industrial. Insatisfeitos com as péssimas condições de trabalho e os baixos salários, os operários protestavam invadindo fábricas e destruindo máquinas, que consideravam as maiores culpadas por suas dificuldades.

A tela para os novos pesadelos: desigualdade, periferia e novos centros

Curiosamente, os retratos mais agudos da nossa ansiedade econômica recente não vieram de robôs nem dos estúdios de Hollywood, mas das margens e dos novos centros do mundo. A Coreia do Sul forneceu os fenômenos globais mais eloquentes: ***Parasita*** (Bong Joon-ho, 2019) e ***Round 6 / Squid Game*** (série de TV, 2021-2025) traduziram, em chave de horror e sátira, o esgotamento da promessa de mobilidade social — a sensação compartilhada de que o jogo está viciado e de que a dívida, não o mérito, governa as vidas. Não é trivial que a obra mais comentada da década sobre capitalismo e desigualdade tenha sido falada em coreano, vinda de uma economia que poucas décadas antes era periférica e hoje exporta para o mundo não apenas semicondutores, mas também o imaginário de seu próprio mal-estar.

Parasita - filme sul-coreano sobre a convivência explosiva entre uma família pobre e uma família rica, retrato do esgotamento da promessa de mobilidade social



A China, por sua vez, ofereceu o contraponto mais revelador ao pessimismo ocidental. ***A Errante Terra (The Wandering Earth, 2019 e 2023)***, maior bilheteria da ficção científica chinesa, propõe uma visão radicalmente distinta da de Hollywood: diante da catástrofe planetária, não há um herói individual salvado um esforço coletivo, estatal e multinacional para literalmente mover a Terra a um novo lugar no cosmos. É o idealismo tecnológico de ***Star Trek*** ressurgindo — só que sob outra gramática política, coletivista e centrada no Estado. Enquanto o Ocidente filma o colapso, a potência emergente filma a engenharia da sobrevivência. A própria fratura geopolítica que desmonta a globalização aparece, assim, espelhada em duas maneiras opostas de sonhar o futuro.



A Errante Terra (The Wandering Earth) - ficção científica chinesa em que a humanidade, num esforço coletivo e estatal, move literalmente a Terra para sobreviver à catástrofe planetária

O Brasil, finalmente, deu ao gênero algumas de suas alegorias mais potentes sobre fragmentação social e ameaça à autonomia. **Bacurau** (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019) imaginou um vilarejo do sertão literalmente apagado do mapa e transformado em campo de caça para estrangeiros — síntese feroz do abandono das periferias, da violência e da desigualdade global. A série **3%** (2016-2020), primeira produção brasileira original da Netflix a alcançar audiência mundial, levou ao limite a lógica meritocrática: um mundo dividido entre uma maioria miserável e uma elite ínfima, selecionada por um "processo" que promete progresso a pouquíssimos. E **Medida Provisória** (Lázaro Ramos, 2020) usou a distopia para tratar de racismo, autoritarismo e supressão de direitos — lembrando que, antes da máquina, o que muitas sociedades temem é a própria política.



Bacurau - filme brasileiro no qual um vilarejo do sertão é apagado do mapa e transformado em campo de caça para estrangeiros, alegoria do abandono das periferias e da desigualdade global

Séries como **Severance** (2022) dramatizaram a perda de autonomia do trabalhador reduzido a função, enquanto **Guerra Civil** (2024) projetou a polarização política até seu desfecho mais sombrio. Aqui o medo não é tecnológico, é institucional: o colapso da confiança nos mercados e nos governos que o artigo já apontava em 2007-09, agora levado ao paroxismo em escala verdadeiramente global.

"Acreditamos na inovação, mas continuamos desistindo do progresso"

A tese de Backup sobrevive intacta — e talvez mais verdadeira. Vivemos uma aceleração tecnológica vertiginosa, possivelmente a maior desde a eletricidade, e ainda assim nossas histórias do futuro são cada vez mais escuras. Acreditamos na inovação com fervor quase religioso, mas perdemos quase por completo a fé no **progresso** enquanto melhoria moral e social compartilhada. O Concorde de 1969 prometia um amanhã mais rápido para todos; a inteligência artificial de hoje promete, antes de tudo, ganhos de produtividade que poucos sabem dizer a quem pertencerão.

O desafio que o autor enunciava no encerramento permanece o nosso: não nos rendermos nem ao cinismo dos que desistiram do futuro, nem ao deslumbramento dos profetas que prometem que a tecnologia resolverá tudo. Entre o utopismo de **Star Trek** e o feudalismo de **Duna**, entre o colapso filmado no Ocidente e a engenharia da sobrevivência sonhada no

Oriente, a tarefa de cidadãos e líderes continua sendo recusar o papel de sujeitos passivos — e lembrar que o futuro, como sempre, será aquilo que ousarmos imaginar e construir.